

Resenha: *A virada: o nascimento do mundo moderno*¹

Marcio Gimenes de Paula

RESENHA

O historiador Greenblatt já é conhecido do público brasileiro por suas obras já traduzidas entre nós, como *Possessões Maravilhosas* e *Como Shakespeare se tornou Shakespeare*. Seu claro interesse pela Renascença, pelos viajantes do século XVI e pela modernidade em geral constitui sua marca distintiva. Assim, parece-nos, absolutamente, natural que sua nova obra entre nós traduzida - *A Virada* - espelhe, novamente, essa relação.

Aliando uma extrema erudição com uma comunicação muito clara e atraente, o autor prende o leitor do início ao final de sua obra. Seu principal intuito é recontar a história de Poggio Bracciolini, um típico funcionário da burocracia da Igreja e ex-secretário do antipapa João XXIII, posteriormente, condenado pelo Concílio de Constança. Antes disso, Bracciolini já havia ocupado importantes cargos na burocracia eclesiástica e sido secretário do cardeal Maramori. Contudo, a vida de tal personagem, que possui típicos traços de um renascentista, não é o principal motivo da obra de Greenblatt, mas, sim, a grande paixão do personagem, isto é, sua busca pelos livros raros. No contexto do século XIII, tal coisa é profundamente significativa. Aqui reside a tese central da obra: Bracciolini empreende uma longa busca por livros raros e manuscritos originais, dentre eles, podemos citar aqui a obra *De Rerum Natura* de Lucrécio. Nela, segundo o autor, encontraremos as bases do pensamento moderno e, a partir de tal descoberta - e preservação do texto por Bracciolini - ocorre a "virada" no pensamento que, não fortuitamente, dá nome ao livro de Greenblatt.

A obra é composta por 11 capítulos. No primeiro deles, "O caçador de livros", o autor mostra, através de inúmeros dados históricos e da

¹ Greenblatt, Stephen. *A virada: o nascimento do mundo moderno* (São Paulo: Companhia das Letras, 2009)

biografia de Bracciolini, a apaixonante aventura que era, para os renascentistas, a busca por livros e manuscritos. Num mundo onde o conhecimento ainda não era facultado a todos e a informação parecia residir em conventos e mosteiros, tal empreendimento adquiria contornos de uma aventura épica envolvendo, em muitos momentos, até subornos de religiosos inescrupulosos e coisas do gênero. Além disso, num contexto europeu onde toda a circulação implicava num risco de sobrevivência, caminhar e empreender viagem fora da sua cidade podia ser algo extremamente perigoso. Era possível ser assaltado, sofrer violência ou, ainda, ser confundido com um viajante que, a rigor, parecia despertar o desprezo e a ira dos homens estabelecidos. Tal quadro é retratado com muita argúcia pelo autor.

No capítulo segundo, “O momento da descoberta”, Greenblatt precisa, com maior clareza, o contato com os monges, o ambiente cultural da época e a obsessão de Bracciolini por obras raras e desaparecidas. Aqui, aparecem, claramente, os temas dos mosteiros abarrotados de livros, o do monge estudioso, o do monge preguiçoso - que não gostava de estudar e preferia vender livros numa espécie de “mercado negro” com os renascentistas -, bem como de renascentistas que adoravam furtar obras dos acervos eclesiásticos. Contudo, surge, ainda, a imagem dos copistas e da preservação da cultura clássica no seio da Igreja. É nesse mesmo contexto que Poggio descobre os manuscritos originais de Lucrécio e pede para que seu escriba os copie (ainda que fique também com um original da obra).

“Em busca de Lucrécio” é o título do terceiro capítulo em que mostra, com maior clareza, quais foram as influências que o poema de Lucrécio despertou e começa a relatar um pouco a história da recepção do texto do pensador antigo nos autores religiosos e renascentistas. Aqui, também, aparece, claramente, o relato de como as teses filosóficas do pensador foram recebidas, posteriormente, por Epicuro.

O quarto capítulo é intitulado “Os dentes do tempo”. Aqui, Greenblatt produz um curto – mas excelente – histórico acerca da história

do livro, dos primeiros materiais onde esses eram impressos (papiros etc), fornecendo, ao leitor de hoje, uma apaixonante história de alguém, profundamente, tomado pelo seu tema. Ainda é mostrado um pouco de como os materiais eram disponibilizados, o espaço que se dispunha para isso e como se dava o arquivamento deles. O caso da biblioteca de Alexandria – e todo o círculo intelectual que se reunia ao seu redor – é mostrado com precisão. A triste história da filósofa Hipátia de Alexandria, assassinada exatamente nessa transição entre paganismo e cristianismo por facções radicais do cristianismo, fornece uma justa medida do que se sucederia posteriormente, e como os escritos pagãos – dentre eles podemos, certamente, citar Lucrecio e Epicuro – se constituiriam em uma ameaça para um dado tipo de cristianismo, totalmente descolado da herança clássica.

O ambiente cultural onde viveu, nasceu e cresceu Poggio Bracciolini é recontado por nosso autor no capítulo “Nascimento e renascimento”. Aqui, a Florença do século XV é mostrada em todos os seus aspectos, dando um quadro mais amplo do que, em geral, se tem quando se pensa apenas na Florença de Maquiavel. A herança recebida de humanistas como Petrarca e Bocaccio, bem como a forte convivência com os dogmas católicos, mostra, com um agudo senso, como se formou a consciência de Bracciolini e de alguns outros renascentistas do período.

No instigante capítulo “Na fábrica de mentiras” (capítulo sexto), Greenblatt mostra, tal como já sugere o curioso título, a vida de Bracciolini como funcionário da Igreja. Aqui aparecem, com imensa clareza, as disputas políticas, a baixez moral do clero e todo o ambiente envenenado do poder eclesiástico em Roma. Nessa mesma época, podemos ressaltar a contundente polêmica entre Bracciolini e Lorenzo Valla dentro da instituição, bem como um escrito de Bracciolini sobre a hipocrisia. As palavras do secretário episcopal são, aqui, tão fortes que bem poderiam caber na boca de um reformador como Lutero. Bracciolini, que não era e nunca teve vocação para eclesiástico, vive, talvez, no único ambiente possível para um homem de letras nesse período: a Igreja. Tal

coisa contém uma duplicidade: ao mesmo tempo tem o acesso que precisa aos textos e o tempo necessário para o estudo, mas tem que conviver com todo o asco diante dessa “fábrica de mentiras”.

O capítulo sétimo é denominado, não fortuitamente, “A armadilha de caçar raposas” e disserta sobre o papa de quem Bracciolini foi secretário: o papa João XXIII. Tal papa, no século XV, e, portanto, alguns séculos antes de outro Papa João XXIII, aquele que conhecemos no ano de 1958, era uma figura polêmica e tirânica. Tão polêmica e tirânica que acabou por ter o seu nome retirado da lista dos papas e passou a constar como *pessoa não grata*. Nesse capítulo, Greenblatt avalia, especialmente, o caso de Jan Hus, o célebre pregador tcheco que advoga por uma reforma da Igreja antes de Lutero, atraído para um concílio onde julgava que poderia defender suas opiniões, que foi impedido de falar, preso e, sumariamente, sentenciado à morte. A raposa estava, portanto, devidamente caçada.

Uma síntese da obra *De Rerum Natura* de Lucrécio é o grande objetivo de Greenblatt no capítulo oitavo. Não se trata de um texto simples, mas de uma obra que merece uma análise minuciosa, exatamente por ser um poema cheio de explicações e coisas que não parecem claras num primeiro exame; afinal, são 7.400 versos. Segundo nosso autor, o texto lucreciano pode ser resumido nas seguintes teses: 1) tudo é composto de partículas invisíveis; 2) as partículas elementares da matéria são eternas; 3) as partículas elementares são de número infinito, mas limitadas em forma e tamanho; 4) todas as partículas estão em movimento num vazio infinito; 5) o universo não tem um criador ou projetista; 6) tudo vem a ser por resultado de uma virada; 7) a virada é a fonte do livre-arbítrio; 8) a natureza experimenta incessantemente; 9) o universo não foi criado em função dos homens e nem para eles; 10) os seres humanos não são únicos; 11) a sociedade humana não começa na tranquilidade, mas na batalha primitiva pela sobrevivência; 12) a alma morre; 13) não há vida após a morte; 14) a morte não é nada para nós; 15) todas as religiões organizadas são ilusões supersticiosas; 16) as

religiões são, invariavelmente, cruéis; 17) não existem anjos, demônios nem fantasmas; 18) o objetivo mais elevado da vida humana é a ampliação do prazer e a redução da dor; 19) o maior obstáculo ao prazer não é a dor, mas a ilusão; 20) compreender a natureza das coisas gera um profundo êxtase.

No capítulo nono, denominado “A Volta”, o autor avalia toda a história acerca do seu manuscrito original da obra de Lucrecio que ainda não tinha retornado a ele, e como os monges envolvidos na história optaram, ao perceber que o documento era valioso, que ele fizesse uma cópia do texto. O fato concreto é que, em meio a muitas polêmicas, o texto retornou a ele, foi copiado e espalhado para muitos cantos o que ajudou, desse modo, sua difusão.

Já no capítulo dez, cujo título é “Viradas”, Greenblatt disserta acerca da existência de mais de 50 manuscritos do texto de Lucrecio conhecidos hoje, e toda a disputa que ocorreu para o estabelecimento da fidelidade textual. Além disso, é mostrada a influência da obra em autores fundamentais da ciência moderna, como nas teses de Giordano Bruno, Galileu e de Copérnico. Tal poema foi fundamental não apenas pela sua própria redescoberta, mas pelas outras “viradas” que ele causou no pensamento ocidental.

Por fim, no capítulo onze, que possui o significativo título de “Ressurreições”, nosso autor nos mostra como, apesar de toda a violência eclesiástica, o texto de Lucrecio sobrevive e segue a influenciar – e a ajudar na formação – daquilo que concebemos como mundo moderno. Um exemplo disso é sua influência no pensamento de Montaigne e de suas concepções filosóficas.

Por todos esses motivos, julgamos que a obra de Greenblatt sobre Bracciolini e sua busca apaixonada pelos originais de Lucrecio é, no fundo, uma busca pelas raízes do pensamento moderno, pela “virada”. Trabalho muito bem elaborado e que, sem sombra de dúvida, merece nossa atenção.

SOBRE O AUTOR:

Marcio Gimenes de Paula
Departamento de Filosofia
Universidade de Brasília
(e-mail: marciogimenes@unb.br)

Artigo recebido em 21 de janeiro de 2013
Aceito para publicação em 2 de abril de 2013